

## Pequeno conto de amor e morte

ESTEVÃO AZEVEDO

“Durante a permanência, absolutamente nada lhes faltará, eu zelarei pessoalmente para que estejam confortáveis. Depois de um ano, eu os matarei, os dois.”

Já haviam notado que não adiantaria fugir. Ao anúncio não se seguiu suspiro, comoção ou choro. Não trocaram sequer um olhar. Permaneceram atentos como para não perder de sua sorte nenhuma vírgula, que poderia lhes faltar no tempo que restava. A promessa era cumprida com esmero. Na cozinha, banheiro e quarto dispunham de todos os itens necessários – até mesmo os supérfluos – para que os dias se sucedessem sem privações e com os prazeres possíveis naquele espaço. Comida, bebida, jogos, livros, revistas, filmes. Um ano sempre parecera muito tempo, e por isso a percepção de que nesse ano nada alteraria seu destino, de que cada ontem os aproximava do momento fatal, essa perspectiva tardou a angustiar-lhes. Mas um dia o fez. Era passado pouco mais de um mês quando se viram abraçados, calados, percebendo já a falta que faria a sensação do contato do corpo de um no corpo do outro e, mais ainda, a falta que qualquer sensação lhes faria. Estariam mortos. Foi depois desse dia que a esposa começou a ter dificuldades para dormir e pediu ao homem que lhe trouxesse remédios, ao que o homem gentilmente atendeu, municiando as prateleiras do armário do banheiro com três marcas, para que ela escolhesse a que mais lhe agradava. Ela voltou a dormir um sono tranqüilo, mas no fim do

segundo mês o medo de inexistir os assomava quase que ininterruptamente. Não deixariam nenhum rastro. Da angústia em que a passagem do tempo – agora cada vez mais escasso – os mergulhava, um contínuo aumento do desejo começou a se fazer notar, como se de alguma maneira o entrelaçamento das carnes, um corpo a imiscuir-se no outro até a dissolução da própria identidade, os preparasse para a morte inevitável e, paradoxalmente, os fizesse sentir-se mais vivos. No segundo dia após essa mudança radical da rotina, uma ideia surgiu de entre os lençóis. Que tivessem um filho, o primeiro e único, e que esse filho fosse a continuidade que eles já não mais poderiam ter. O decreto fora claro: morreriam os dois. Sabiam que nada seria descumprido, a criança viveria. E não tardou a obcecar-lhes a ideia, muito mais ao marido, talvez porque à esposa coubesse o ônus dos enjoes e limitações nos nove meses que o plano exigiria até concretizar-se. Até completar-se o ano, restavam-lhe dez meses. Aquela chance única tinha uma rígida data de validade, ditada pela natureza e seus ciclos. Agora, além da súbita aparição de uma libido que já ameaçava dominá-los, havia também a esperança da fuga, se não deles mesmos, ao menos de seus nomes, suas memórias. Amaram-se contínua e furiosamente, várias vezes ao dia, e sempre que o marido se acreditara capaz. Quinze dias depois, embora não houvesse como o comprovar, a mulher estava certa de que nenhuma semente a havia inoculado. Não dizia nada ao marido, semeava a dúvida para preservá-lo, ele que se



apegara demais ao plano. Ela temia pela sanidade do marido na extensão dos meses que viriam se, no dia-limite, não pudesse afirmar que carregava em si a salvação que eles haviam sonhado juntos, mas que ele levara muito além da esfera dos sonhos. No penúltimo dia em que a concepção poderia ocorrer para que a criança nascesse a tempo, com seus conhecimentos de mulher ela já sabia que não seria possível engravidar. Se engravidasse depois, sofreria ainda mais com a perspectiva de entregar-se ao algoz, no dia estipulado, carregando no ventre um filho que por questão de poucas semanas estaria também condenado a morrer. Entristeceu-se. Mais ainda o marido, ao perceber o recado que a tristeza da mulher lhe enviava. Ela, ao ver o marido sofrer, enterneceu-se e ofereceu-lhe um remédio para dormir. Misturou à água uma dose muito maior do que a que costumava tomar. O marido dormiu um sono profundo, sem sonhos, e acordou muito tempo depois. A mulher o vigiava, mirando-o fixamente, com algumas lágrimas a escorrer e um sorriso sereno no rosto.

“Eu já não acreditava mais, mas não tenho dúvidas... estou grávida.”

O marido acompanhava a gestação com tanta atenção e cuidados que seria capaz de descrever o crescimento diário da barriga, daquele instante até o nascimento, previsto para ocorrer um dia antes do último dia. Aliviada pelo efeito que

o filho tivera no espírito do marido, que agora aceitava até com certa felicidade seu destino inelutável, a esposa suportou as dores, os enjoos e os desconfortos, que aumentavam com o passar das semanas. No último dia antes de completar-se o ano que lhes havia sido anunciado, o homem realizaria normalmente o parto, com o auxílio do marido. O marido agradeceu efusivamente o sucesso do parto a aquele que no dia seguinte os mataria, e levou o recém-nascido ao banheiro para lavá-lo, após tê-lo deixado por alguns instantes no colo da mãe. Depois da tensão das últimas horas, a água quente despencando sobre a louça e o choro da criança produziram um ruído agradável e contínuo. A mãe, debilitada, assim que o marido saiu, pediu com voz fraca ao homem:

“Por favor, amanhã não conte nada a ele...”

“Eu lhes havia prometido”, o homem respondeu com voz que transmitia confiança, “que durante o tempo em que estivessem aqui nada lhes faltaria, e que estariam confortáveis. Não se preocupe... Eu não direi nada. Amanhã, apenas os matarei, os dois.”

---

ESTEVÃO AZEVEDO é editor e escritor, autor dos livros de contos *O terceiro dia* e *O som de nada* acontecendo (*Edições K*) e do romance *Nunca o nome do menino* (*Terceiro Nome*, 2008), finalista do Prêmio São Paulo de Literatura 2009.